



# 8º ENEDS

Ouro Preto - MG - Brasil - 19, 20 e 21 de Setembro de 2011

## RESGATE HISTÓRICO DA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO AGROECOLÓGICO NA UFVJM: A EXPERIÊNCIA DO GRUPO ARANÃ

### Área Temática: Formação do Engenheiro e Novas Possibilidades de Atuação

Rosamaria S. P. Loures<sup>1</sup>, Gabriel Dayer L. de B. Moreira<sup>1</sup>, Maria Elisa C. e Souza<sup>1</sup>, Érica V. Fraga<sup>1</sup>, Aremita A. V. Reis<sup>1</sup>, Núbia V. Cardoso<sup>1</sup>, Vinícius S. Mendonça<sup>1</sup>, Luiza R. A. S. Costa<sup>1</sup>, Kátia S. Dias<sup>2</sup>, Claudenir Fávero<sup>3</sup>

*1 Grupo Aranã de Agroecologia/Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, Campus Diamantina, MG – aranagrupo@yahoo.com.br*

*2 Coletivo Retalhos de Fulô, Diamantina, MG – fuloderetalhos@yahoo.com.br*

*3 Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, Campus Diamantina, MG – prufvjm@yahoo.com.br*

### Resumo

O padrão de desenvolvimento agrícola das últimas décadas no Brasil fundamenta-se na Revolução Verde. Associado à importação de modelos, técnicas e tecnologias, esse padrão favorece as classes dominantes e desconsidera as reais necessidades do povo. O modelo desenvolvimentista atinge também a educação, que exerce um papel relevante na difusão deste. Ao entender a importância do processo de formação na constituição de pessoas preocupadas com a transformação da sociedade e construção de uma outra realidade no Campo brasileiro, a Agroecologia surge como novo paradigma de bases não excludentes. O objetivo deste trabalho é registrar o processo de formação do Grupo Aranã de Agroecologia na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – MG e sua contribuição para a construção do conhecimento Agroecológico. Para tanto utilizou-se como metodologia o Diagnóstico Rápido Participativo – DRP, tendo como principal ferramenta a “Linha do Tempo”. O resgate da história oral do Grupo permite que este conheça com mais profundidade as diferentes etapas vivenciadas e a criação de laços de pertencimento e de identidade entre seus membros. As experiências compartilhadas podem fortalecer laços de contraposição aos modelos impostos, contribuir na afirmação da Agroecologia, e na formação de profissionais e cidadãos/ãs com ela compromissados/as.

*Palavras-chave: Metodologia Participativa; Agroecologia; Grupo Aranã de Agroecologia.*

### 1 Introdução

O padrão de desenvolvimento agrícola das últimas décadas no Brasil fundamenta-se na Revolução Verde. Associado à importação de modelos, técnicas e tecnologias, esse padrão favorece as classes dominantes e desconsidera as reais necessidades do povo. Sua expansão através de “pacotes tecnológicos” tidos como de aplicação universal se deu, sobretudo numa lógica de maximização da produção e, conseqüentemente, do capital.

Como se pode observar, essa drástica reestruturação atingiu igualmente as instituições de ensino, pesquisa e extensão, que exercem um papel relevante na difusão deste processo.



# 8º ENEDS

Ouro Preto - MG - Brasil - 19, 20 e 21 de Setembro de 2011

Condicionadas por “ideologias do progresso” elas reforçam e legitimam a modernização da agricultura, com base em suposições de que a agricultura camponesa é atrasada, a partir de aporte de técnicas e avanços com visões futuristas e de curto prazo (PETERSEN; DIAS, 2007). Essas instituições, segundo Almeida *et al.* (2001), fizeram com que os profissionais e técnicos voltassem totalmente sua visão para a maior produção sem a devida preocupação com o meio ambiente e com os seres humanos.

Em contraposição a este modelo, surgem os primeiros sinais de mudança, sob a luz da Agroecologia. Segundo Assumpção e Fávero (2009), Altieri, como um dos precursores, apresenta a Agroecologia como ciência e produção de conhecimento sistematizado da humanidade, ao possuir uma matriz diversificada dos compartimentos da ciência moderna que foi se construindo e fragmentando em conceitos. Ao negar o cartesianismo moderno, incorpora-se o diálogo do conhecimento tradicional com a ciência. De acordo com Petersen (2009), “a abordagem Agroecológica contribui para o questionamento do viés produtivista das ciências agrárias e para a mobilização do interesse e do engajamento de setores das ciências humanas e naturais na construção do novo paradigma”.

A Agroecologia permeia espaços estudantis como possibilidade de não limitar-se às visões simplistas de compreensão da realidade e de inserção no mundo do trabalho. É nesta perspectiva que encontra-se na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) o grupo Aranã de Agroecologia. O Aranã entende a importância do processo de formação coletivo na constituição de pessoas preocupadas com a transformação da sociedade. Pretendemos aqui fazer uma reflexão acerca do processo histórico de formação deste grupo.

## 2 Justificativa

Ao perceber a importância na formação crítica dos/as estudantes, compreende-se também o valor de se registrar as experiências de Agroecologia e do Grupo Aranã: “cada iniciativa singular pode ser apreendida como a expressão da inovação criativa orientada para a conquista de espaço pela perspectiva Agroecológica nas instituições” (PETERSEN, 2009).

As experiências compartilhadas podem fortalecer laços de contraposição aos modelos impostos, contribuir na afirmação da Agroecologia e na socialização dos aprendizados entre as instituições parceiras e grupos de Agroecologia do Brasil e, conseqüentemente, contribuir na articulação do movimento agroecológico.

## 3 Objetivo

Este trabalho foi realizado com o objetivo de registrar o processo de formação com base nas experiências históricas do Grupo Aranã de Agroecologia e sua contribuição para a construção do conhecimento Agroecológico na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).

## 4 Revisão Bibliográfica

### 4.1 A Revolução Verde e os Paradigmas da Modernização

Muitas transformações ocorreram a partir da década de 1960 no Brasil, originadas de um integrado conjunto de políticas indutoras e reguladoras da sociedade (PETERSEN; DIAS, 2007). Nesse contexto, de acordo com Gliessman (2001), surge o modelo agrícola conhecido



como “convencional”, nascido da interação entre agricultura e indústria e em torno de dois objetivos que se relacionam: a maximização da produção e a do lucro.

Na busca de metas, várias práticas foram desenvolvidas sem se preocupar com suas conseqüências a longo prazo, e sem considerar a dinâmica ecológica dos agroecossistemas<sup>1</sup>. Esse processo ocorreu com a intensa subordinação da agricultura nacional a lógicas econômicas externas com a permanente exploração dos recursos naturais e com a exclusão social (ALMEIDA *et al.*, 2001).

No decorrer da história a crise socioambiental é agravada no campo. Essas transformações em nossa sociedade foram orientadas no sentido de beneficiar e acomodar aos usos do latifúndio, contrapondo as alternativas de reforma agrária e prejudicando os agricultores/as familiares que em sua maioria foram excluídos desse processo de modernização. Tratou-se ainda do uso da mecanização e produção de insumos juntamente com a implantação de indústrias internacionais em territórios nacionais. Desta modernização fundamentou-se a Revolução Verde (ALMEIDA *et al.*, 2001).

Nos limites do acesso à terra, excluída dos benefícios das políticas públicas, inviabilizadas as condições de sua reprodução, aliada a crescente exaustão dos recursos naturais disponíveis e a perda da própria identidade, ocorre uma intensa fragmentação da agricultura familiar.

Atualmente, este modelo não deixa dúvidas quanto a sua insustentabilidade, quanto aos seus impactos negativos sobre o meio ambiente e a sociedade. Para Andrades e Ganimi (2007), apesar do aumento da produtividade, fatores como: deteriorização das condições sociais, êxodo rural, prejuízos à saúde, concentração fundiária e de renda, marginalização da população rural, envenenamento do ecossistema por agrotóxicos, diminuição da segurança alimentar, da biodiversidade e da biomassa, são alguns dos elevados custos sociais, econômicos e ambientais provocados pela Revolução Verde no país, não deixando dúvidas quanto ao esgotamento desse modelo.

## **4.2 A Agroecologia**

Nos princípios agroecológicos a construção do conhecimento deve ser um processo interdisciplinar, que promova diálogo entre os conhecimentos popular e científico e o exercício da cidadania. Para tanto, é necessário considerar saberes e experiência dos agricultores e agricultoras, observar as potencialidades dos agroecossistemas e desenvolver, participativamente, tecnologias adaptadas<sup>2</sup>.

Ao apontar novos rumos para o desenvolvimento científico e tecnológico, a Agroecologia fomenta a criação e o desenvolvimento de novos dispositivos metodológicos voltados para a produção de conhecimentos, de forma que os potenciais intelectuais de agricultores e agricultoras sejam valorizados em dinâmicas

<sup>1</sup> O agroecossistema é observado enquanto espaço de ocupação de paisagens e relacionamento com o meio aprimorando relações ecológicas, de sinergia entre a vida do solo, inseto, planta com a ecologia, biologia, ação antrópica (mulheres e homens atuando), organização social, fazendo parte do campo de entendimento e da co-relação. (ASSUMPCÃO; FÁVERO, 2009).

<sup>2</sup>Material de apresentação do Grupo Aranã, maio de 2008.



# 8º ENEDS

Ouro Preto - MG - Brasil - 19, 20 e 21 de Setembro de 2011

locais de inovação capazes de articulá-los com saberes científicos institucionalizados (PETERSEN; DIAS, 2007).

Um contraponto da Agroecologia em relação a ciências agrárias convencionais é o reconhecimento do modo de vida camponês, seus valores, estratégias de produção econômica, modos de cultivo ecológico, resultantes do ajuste de seus meios de vida aos ecossistemas em que vivem e produzem, diferente do que é difundido pela ideologia modernista, reducionista e simplista, que afirma a existência de um atraso sócio cultural que deve ser superado.

As ciências agrárias fragmentadas deixam de lado especificidades ambientais e sócio-culturais, o que contribui para a retirada do controle do conhecimento do/a agricultor/a. Isso se agrava à medida que os mercados assumem um papel de regulação das ações econômicas da sociedade. Para que as bases epistemológicas da Agroecologia se fortaleçam é necessária a substituição desta concepção de difusionismo tecnológico e vertical por um novo paradigma construtivista e participativo baseado no diálogo de saberes. O reconhecimento da importância dos saberes tradicionais ampara a visão holística no acúmulo de novidades trazidas pelas agricultoras e agricultores familiares, nega o lógico e não se limita ao método científico convencional. (PETERSEN, 2009a).

Segundo Fávero (2000), a geração de tecnologias tem que se dar a partir de uma visão sistêmica, interdisciplinar com a participação dos sujeitos sociais. Os/as agricultores/as precisam ter autonomia em todo o processo de produção, processamento e comercialização dos produtos; a gestão dos recursos naturais comuns e dos recursos públicos tem que se dar de forma coletiva; e são necessárias mudanças estruturais do tipo reforma agrária e descentralização da infra-estrutura de armazenamento e escoamento da produção. Neste cenário está presente a disputa ideológica entre uma agricultura capitalista que visa a maximização e homogeneização da produção, aporte exacerbado de insumos externos e maquinário, praticadas em propriedades industrializadas; e a agricultura camponesa, que busca agriculturas que otimizem os recursos naturais, a produção diversificada e sua prática pela agricultura familiar camponesa.

A perspectiva agroecológica deve ser entendida ao mesmo tempo como ciência e ideologia: “Não existe ciência que não tenha ideologia e nem ideologia que não possa ser processada com a ciência” (FÁVERO, 2009). No meio acadêmico os avanços conceitual, metodológico e político da Agroecologia são poucos reconhecidos e valorizados, o que dificulta a abordagem dessa perspectiva. Ainda, o termo Agroecologia vem sendo apropriado e empregado com diferentes abordagens, o que tem prejudicado sua afirmação enquanto ferramenta de transformação social. Neste sentido, faz-se necessário reforçar o caráter político-social da Agroecologia.

### **4.3 A Universidade nesse contexto**

As universidades públicas do Brasil nascem para atender as necessidades da sociedade. É um espaço que sempre esteve associado ao desenvolvimento econômico, social, cultural e político do país (BRASIL, 2001). Entretanto, a educação nas universidades tem se voltado a condicionar e preparar pessoas de acordo com a lógica estabelecida pelo mercado, sendo este apenas uma instituição da sociedade. Assim, não se estabelece uma formação contextualizada voltada para o ser humano integrado a sociedade e sim para fragmentos desta (PETERSEN,



# 8º ENEDS

Ouro Preto - MG - Brasil - 19, 20 e 21 de Setembro de 2011

2009a). O processo educacional na maioria das universidades está dirigido à reprodução teórica para sustentação deste paradigma produtivista, mecanicista e excludente.

No Brasil, essas instituições orientam-se pela lógica do capital e têm se dedicado a reproduzir um discurso burguês, nesse sentido, o ensino é norteado ideologicamente para ser fragmentado e descontextualizado caracterizando o “ensino bancário”. Este, gera pesquisas direcionadas por empresas e um modelo de extensão assistencialista que contribui para que seja construída uma estrutura que não atenda os anseios da maioria da população.

A universidade perante o processo de globalização deve atentar-se à dinâmica social para um panorama orientado pelo desenvolvimento do capitalismo no qual são evidentes a exclusão e marginalização. Assim, é necessário considerar o papel da extensão na construção e disseminação do conhecimento.

A capacidade de se fazer por meio da extensão a leitura correta da dinâmica da sociedade, e de participar ativamente dela de forma ágil e eficaz é que dá significado à contemporaneidade da universidade brasileira, e a forma como vem sendo analisada e interpretada pela comunidade acadêmica, tem propiciado avaliações inadequadas no que diz respeito ao seu real papel, suas modalidades e formas de ação (SOARES, 1999).

Boaventura de Souza Santos (2003), expressa que a democratização da universidade se faz a partir da abertura ao outro, que vai além do acesso à universidade e da permanência nesta. Em uma sociedade que expressa cada vez mais complexidade de saberes, a legitimação das universidades só será cumprida quando “atividades hoje ditas de extensão, se aprofundarem tanto que desapareçam enquanto tais e passem a ser parte integrante das atividades de investigação e de ensino”.

As organizações estudantis, ao longo da história vêm contribuindo para contraposição deste modelo hegemônico nas universidades. Ao atuar de diferentes formas, fortalecem o movimento estudantil através da realização de lutas sociais e concretizam uma coesão organizativa. Os/as estudantes em movimento se fazem importantes militantes na trincheira da popularização das universidades ao reivindicarem uma política pautada em defesa da universidade pública, de qualidade, democratizada e de acesso popular.

#### **4.4 A UFVJM e a Realidade Dos Vales**

Localizados na região nordeste de Minas Gerais, os Vales do Jequitinhonha e Mucuri apresentam destacada diversidade social, cultural, ambiental, econômica e forte presença da agricultura de base familiar. As práticas agrícolas nos Vales são muito particulares e adaptadas às condições climáticas locais. Por sua vez, “a cultura dos Vales se manifesta no “modo de vida” das populações locais (quilombolas, indígenas, geraizeiros, catingueiros, ribeirinhos, apanhadores de flor) que habitam e co-habitam estes ecossistemas há séculos” (FÁVERO, 2007).

As políticas públicas nessas regiões se mostram incapazes de reconhecer valores e costumes historicamente construídos. Ao contribuir para uma concepção desenvolvimentista pautada apenas na economia, dificultam a busca de alternativas para a melhoria da qualidade de vida das comunidades. Entretanto, há populações locais organizadas nos Vales, que contrapõem o



# 8º ENEDS

Ouro Preto - MG - Brasil - 19, 20 e 21 de Setembro de 2011

sistema capitalista excludente compartilhando experiências a partir das especificidades ambientais, culturais, sociais e econômicas.

Associações, Cooperativas, Sindicatos, Pastorais, Movimentos Sociais, ONGs, legítimos representantes dos povos dos Vales, efetivam ações para fomentar e aprimorar as estratégias de otimização das potencialidades e de convivência com as limitações naturais do meio (FÁVERO, 2007).

Nessa região, o sistema de produção agrícola familiar para sobreviver às dissonâncias do mercado capitalista vem buscando diversificar a produção, realizar migrações temporárias e desenvolver também atividades não agrícolas (ANDRADE, 2006). Nessa perspectiva, Petersen (2009a) relata que a construção de cadeias de comercialização, as associações, a gestão de recursos naturais coletivos, mutirões e os sistemas de troca-dia são alguns dos dispositivos sociais que permitem que o campesinato construa uma relativa autonomia em relação ao capitalismo.

Inserida nos Vales, a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) foi instituída com o intuito de contribuir para o processo de desenvolvimento de acordo com a realidade destas regiões (UFVJM, 2009). Com valores acometidos pela instituição da “ética, responsabilidade socioambiental, democracia, liberdade e solidariedade”, faz-se necessário aproximar-se das realidades territoriais e reconhecer as potencialidades destas.

Segundo Fávero (2007), no atual contexto das Instituições de Ensino Superior, a UFVJM não deve preocupar em equiparar tanto em termos de condições, como de infra estrutura e recursos, com outras universidades federais a fim de competir pelos financiamentos destinados às pesquisas, ditas, “de ponta”. Faz-se justo e necessário voltar suas ações para as demandas dos povos das regiões dos Vales a partir das suas especificidades ambientais, sociais e culturais. Essa atuação, assumida pelos seus componentes, orientará diretamente a expansão e concretização desta nas regiões.

Como conseqüência do modelo capitalista, excludente e degradante, alicerçado no conhecimento científico-cartesiano, vivencia-se a aceleração e expansão do processo de privatização do sistema de ensino superior com a mercantilização do sentido da formação universitária, da pesquisa e extensão. Faz-se necessária a atuação da UFVJM, em contraposição a este cenário, afirmando o motivo da sua criação e inserção nestas regiões.

#### **4.5. Grupo Aranã de Agroecologia**

Na tentativa de se aproximar dessa realidade e contrapor o modelo de conhecimento homogêneo imposto, surge o Grupo Aranã de Agroecologia. Formado por pessoas de diversas áreas do conhecimento, o Aranã tem gerado reflexões na busca de alternativas ao modelo ecologicamente insustentável e socialmente excludente em curso desde o processo de modernização da agricultura brasileira. Desta forma, há mudanças nas perspectivas profissionais dos estudantes, além do re-conhecimento e interação com movimentos populares, sobretudo dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

Os trabalhos desenvolvidos pelo Aranã objetivam contribuir para a formação crítica dos estudantes da UFVJM, fortalecer a Agricultura Familiar Camponesa dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri e estimular a Agricultura Ecológica Urbana. As atividades são



# 8º ENEDS

Ouro Preto - MG - Brasil - 19, 20 e 21 de Setembro de 2011

realizadas por meio de metodologias participativas e consideram os contextos e particularidades sócio-culturais regionais para a valorização e promoção da Agroecologia e do (des) envolvimento social.

Somos movidos pela convicção de que não há empecilhos técnicos e científicos para a mudança de rumo do desenvolvimento rural no Brasil. Os verdadeiros obstáculos são de natureza político-ideológica. Portanto, somente uma vontade coletiva, impulsionada pela experimentação social em curso, será capaz de fazer frente às forças conservadoras que vêm bloqueando as transformações nas instituições científico-acadêmicas (PETERSEN, 2009a).

## 5 Metodologia

Participantes: Grupo Aranã de Agroecologia

A base teórica para este trabalho foi o Diagnóstico Rural Participativo (DRP). Buscaram-se caminhos que atentem para a necessidade de utilizar formas do estar e interagir em grupo. Para essa interação é fundamental que ocorra um processo dialógico do qual, segundo Faria (2000), o DRP constitui uma interessante ferramenta.

O DRP surge na Universidade de Chiang Mai no norte da Tailândia, na segunda metade da década de 70. A palavra rural remete ao lugar de origem, uma vez que o diagnóstico se aplica à bairros, comunidades, municípios, países, dentre outros (Faria, 2006). Definido por Chambers (1994) como “crescentes enfoques e métodos dirigidos a permitir que a população local compartilhe, aumente e analise seus conhecimentos sobre a realidade, com objetivo de planejar ações e atuar nesta realidade”, o DRP se insere nas concepções da pesquisa participante, educação popular, planejamento participativo propostos pelo educador Paulo Freire (1987).

Os instrumentos do diagnóstico são diagramas visuais e interativos que representam aspectos de uma determinada realidade e vão sendo construídos por um grupo de pessoas em discussão (FARIA, 2006).

O presente estudo desenvolveu-se em duas etapas. Na primeira, a equipe realizou um treinamento a partir de oficinas, estudos e discussões focalizadas em metodologias participativas. Foram também realizadas leituras documentais e treinamento em relatoria e organização de informações para construção de relatórios.

Na segunda etapa, realizamos o DRP (Diagnóstico Rural Participativo) durante encontros com o grupo Aranã. Para a etapa do DRP, foi utilizada a ferramenta “Linha do Tempo”, com o objetivo de resgatar a história oral do grupo Aranã, permitir que os participantes conheçam com mais profundidade diferentes etapas vivenciadas pelo grupo, e criar laços de pertencimento e de identidade com a perspectiva agroecológica.

Para a “Linha do Tempo” foram realizados encontros com os/as integrantes do grupo, utilizando como material didático, tarjetas e fotos representativas de diferentes momentos do coletivo. Duas participantes facilitaram esse espaço assumindo a coordenação e incentivo ao diálogo e organização das tarjetas. Foram utilizados depoimentos dos/as integrantes já formados/as, como auxílio para melhor compreensão de aspectos históricos do Aranã.



## 6 Aprendizados

Ao utilizar a ferramenta linha do tempo, notou-se o interesse das pessoas mais recentes no grupo em compreender processos anteriores. A ausência de integrantes fundadores do Aranã dificultou um pouco o processo. Os últimos anos foram apresentados com mais detalhes, o que se explica pelo fato de o grupo ter adquirido mais maturidade e capacidade de documentar as atividades e dar continuidade a estas.

A linha do tempo do Grupo Aranã de Agroecologia tem início em outubro de 2005. Movidos/as por princípios da agroecologia, como participação coletiva, valorização de saberes e autonomia popular, os/as estudantes passam a protagonizar as atividades e estruturar o coletivo. A cada ano foram visualizados avanços na formação e integração de um maior número de pessoas.

Construção coletiva do conhecimento, protagonismo, diálogo de saberes, participação, interdisciplinaridade, construção de novos valores, feminismo, são princípios que intrelaçados tecem a organização do Grupo concebendo a Agroecologia enquanto transformação social.

Ao longo da história, os estudantes constroem e travam lutas, garantindo um respaldo diante da sociedade. Nota-se que os fóruns institucionais, como inserção nos conselhos e assembléias, devem ser ocupados pois a aprendizagem amplia seu potencial quando se desenvolve de maneira participativa. É necessário acumular experiências organizativas em prol da construção de uma nova sociedade. Através de lutas concretizadas essas experiências conferem um caráter de educação coletiva com amplas perspectivas.

No processo coletivo de organização faz-se necessário intensificar a formação com estudos na perspectiva Agroecológica. Assim, se formam teorias concretas, a partir de práticas que são incorporadas a novos valores fraternos, novas relações de gênero, sociais e culturais. Buscar embasamento teórico e prático para fazer uma análise crítica, dialética e coletiva de diferentes contextos e realidades constitui um meio para combater o individualismo e a competição dentro das instituições.

Cabe aos grupos de Agroecologia, junto a outras organizações, contrapor o controle ideológico hegemônico que se instala nas universidades, para que gradativamente aconteça um desmonte desta redução de saberes. O Grupo Aranã, a partir de muitos questionamentos, desenvolve ações em que utiliza o espaço institucional para entender a fundo o modelo majoritário imposto e armar-se de argumentos que fundamentem os atos de oposição a este.

A verdadeira democratização da UFVJM representa uma das lutas essenciais do Aranã, formado por estudantes conscientes da necessidade de ocupar todos os ambientes dessa esfera pública destinada à formação do povo brasileiro, não apenas às elites de nossa nação.

Como estudantes, há diversas limitações como, por exemplo, os horários que precisam ser divididos entre estudos formais acadêmicos para as disciplinas burocráticas dos cursos e seus estágios curriculares que se acumulam e dificultam a priorização dos trabalhos com as comunidades, desenvolvidos externamente. No entanto, o Aranã entende acima de tudo seu compromisso de traçar uma experiência de luta concreta que extrapole os limites da instituição, pois esta se enriquece e se torna muito mais universal, ampla e diversificada, como seu próprio nome enfatiza, quando se abre às manifestações culturais e à sabedoria



# 8º ENEDS

Ouro Preto - MG - Brasil - 19, 20 e 21 de Setembro de 2011

popular. Cada participante sente-se responsável por abrir novos caminhos em que a solidariedade esteja presente como bandeira principal e a esfera educativa não se circunscreva aos muros do estabelecimento de ensino formal.

## 7 Considerações

O papel do Grupo Aranã se justifica pela proposta de encarar desafios e ir contra a corrente, por mais complexas e trabalhosas que muitas situações se apresentem. A intenção de atuar não **para** os povos dos Vales nem **sobre** eles, mas sim e muito significativamente **com** os mesmos, lado a lado, é o que diferencia seus ideais do que propõe a maioria: mero assistencialismo.

O sentimento de pertencimento a essas realidades, a intensa vontade de transformá-la com base nas propostas de seu povo nativo e o respeito aos seus saberes e expectativas são as raízes do Diagnóstico Participativo. Com tal ferramenta busca-se compreender, sob o olhar dos sujeitos sociais, as problemáticas regionais. Para tanto, são valorizadas falas e demonstrações de seus/as próprios/as moradores/as, principais interessados/as nas melhoras que serão construídas coletivamente.

Abraçar a Agroecologia, muito além da escolha de um caminho profissional e acadêmico, simboliza para cada um dos/as integrantes do Aranã um ideal que se fortalece com a prática, em diversos âmbitos e que se relaciona transdisciplinaridade da vida. O Grupo, que começou sua caminhada há alguns anos, segue em marcha se reunindo semanalmente para construir saberes, programar práticas, aprimorar metodologias. Em suma, exercer seu papel de cidadãos/as comprometidos/as com a transformação da realidade brasileira, sobretudo a mais próxima: os Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

## 8 Referências Bibliográficas

ASSUMPÇÃO, Antônio de Barros; FÁVERO, Claudenir. *Curso de Agroecologia e as Realidades dos Vales*(Comunicação Oral). Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), outubro de 2009.

ANDRADE, Márcio de Souza. *Agricultura Familiar e Desenvolvimento Sustentável no Município de Itinga-MG: uma análise participação das organizações populares na conjuntura municipal*. (Monografia – Especialização em Extensão Rural, Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável). Três Corações : UNINCOR - MG. 2006. 93 p.

ALMEIDA; Sílvia Gomes de; PETERSON Paulo; CORDEIRO, Ângela. *Crise Socioambiental e conversão ecológica da agricultura brasileira: subsídios a formulação de diretrizes ambientais para o desenvolvimento agrícola*. Rio de Janeiro - AS-PTA, 2001, 121 p.

ANDRADES, T. O.; Ganimi, R. N. *Revolução Verde e a Apropriação Capitalista*, 2007. Disponível em: [http://www.cesjf.br/cesjf/revistas/cesrevista/edicoes/2007/revolucao\\_verde.pdf](http://www.cesjf.br/cesjf/revistas/cesrevista/edicoes/2007/revolucao_verde.pdf). Acessado em 10/11/09. 12:15

BRASIL, Ministério da Educação. *Plano Nacional de Extensão Universitária*. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu/MEC; 2001.

CHAMBERS, R. The origins and practice of participatory rural appraisal. *World Development*, v.22, n.7, pp.953-969. 1994.

FARIA, A.A.C. *O uso do diagnóstico rural participativo em processos de desenvolvimento local: um estudo de caso*. 111p. Viçosa: UFV, 2000.



# 8º ENEDS

Ouro Preto - MG - Brasil - 19, 20 e 21 de Setembro de 2011

- FARIA, A.A.C. *Ferramentas do Diálogo - qualificando o uso das técnicas do DRP: Diagnóstico Rural Participativo*. Andréa Alice da Cunha Faria e Paulo Sérgio Ferreira Neto. Brasília: MMA; IEB, 2006.
- FÁVERO Claudenir. *Agricultura Sustentável: Conceitos e opções, 2000*. Nota de aula da disciplina Agroecologia. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), 2000.
- FÁVERO, Claudenir. *Envolvimento Sustentável com os Vales do Jequitinhonha e Mucuri*. Nota de aula da disciplina Agroecologia. UFMG, Diamantina, 2007.
- FÁVERO, Claudenir. (Comunicação Oral) *I Simpósio de Extensão - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)*, outubro, 2009.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia; Saberes necessários à prática educativa*. Editora Paz e Terra. pp.148. São Paulo, 1987.
- GLIESSMAN, S. R. *Agroecologia: Processos ecológicos em agricultura sustentável*. 2ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001.
- Grupo Arana de Agroecologia; *Material de Apresentação do Grupo*, 2008.
- PETERSEN, Paulo; DIAS, Ailton (org.) *Caderno do II Encontro Nacional de Agroecologia/ Grupo de Trabalho sobre a Construção do Conhecimento Agroecológico da Articulação Nacional de Agroecologia* Rio de Janeiro: AMA; 2007.
- PETERSEN, Paulo (org.) *Agricultura familiar camponesa na construção do futuro*. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009a.
- PETERSEN, Paulo. *Seminário de Construção do Conhecimento Agroecológico*. (Comunicação Oral) Universidade Federal de Viçosa, outubro de 2009b.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- SOARES, Vera Lúcia Pena Carneiro. *A Extensão e suas Interfaces em uma universidade emergente*. Belém. UNAMA, 1999 (Dissertação de Mestrado).
- UFVJM- Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - *Estatuto da UFMG* – Diamantina: CONSU/UFVJM.